



PROJETO MAIS LEITURA: Uma proposta de aula interdisciplinar por meio do livro O Pequeno Príncipe em Cordel

Leonardo Gomes da Silva ¹
Joélica Pereira de Lima ²

RESUMO

A leitura é fundamental para o desenvolvimento da intelectualidade humana e está presente em todos os ambientes da sociedade. Decodificamos signos e símbolos, fazemos leituras a todo momento, comunicamo-nos em grupo social por meio da leitura. Estando muito presente nas aulas de português e literatura, mas essencial para a compreensão de todas as outras. Nos referimos a uma leitura reflexiva e crítica, onde o leitor é levado a questionar o que se aprende, e não apenas a memorizar para a “avaliação de conhecimentos”, conforme Lima (2014). Dessa forma, o cordel pode ser usado como uma ferramenta didática lúdica e atraente no ensino interdisciplinar de Filosofia e Geografia. Esta forma inusitada de se trabalhar a literatura cordelista na sala de aula é intitulada pelo Cordelista Manoel Monteiro como: "O novo Cordel". Trazemos neste trabalho uma proposta de aula utilizando-se do livro "O Pequeno Príncipe em Cordel", de Josué Limeira, uma adaptação do clássico como recurso didático em uma aula interdisciplinar, apresentando conceitos filosóficos e geográficos.

Palavras-chave: Cordel, Filosofia, Geografia, Literatura, Recurso Didático.

INTRODUÇÃO

O educador, em seu malabarismo para sempre se inovar, deve estar disposto a considerar novas metodologias e perceber que a ludicidade, segundo Negrine (2001), serve de aporte para a aproximação mais concisa dos alunos com o ambiente escolar, por trazer a vida cotidiana para sala de aula. O lúdico muitas vezes é desconsiderado no Ensino Médio, conforme Lima (2011; 2014), pelo fato da faixa etária do alunado.

¹ Graduando em Filosofia (UNIASSELVI). Licenciado em Química (UFCG). Técnico em Segurança Pública na Rede Pública Estadual da Paraíba (PMPB), desde 2014. Cuité-PB, Brasil. Contato: leosilvact122@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (UEPB). Especialista em Fundamentos da Educação (UEPB). Graduada em Licenciatura Plena em Geografia (UEPB). Professora efetiva da Rede Pública Estadual da Paraíba, desde 2013. Leciona desde 2008. Membro dos Grupos de Pesquisa: Ensino de Geografia, UEPB/DGP/CNPq; O círculo de Bakhtin em diálogo, UEPB/DGP/CNPq. Cuité-PB, Brasil. Contato: joelicalima@gmail.com



Todavia, o lúdico não se limita somente às crianças, é algo que atrai os olhares de todas as pessoas e aproxima da vivência cotidiana de forma mais “alegre”.

O Ensino tradicional e conservador, pautado exclusivamente na memorização de conteúdos como forma de avaliação de aprendizagem e na leitura de textos extensos que servem apenas para responder questionários, logo em seguida esquecendo, e se voltando para a memorização novamente para a avaliação seguinte, um ciclo vicioso de estudar - decorar - fazer a prova - esquecer.

Nessa perspectiva, o educador é o “senhor do conhecimento” e os alunos prontamente absorvem os assuntos sem o mínimo de criticidade. Os livros didáticos, usados como objeto supremo do saber, onde seu conteúdo é tido como verdadeiro e inquestionável, mostra-se distante da realidade vivenciada pelos alunos. Sem mencionar a literatura imposta aos alunos como leitura obrigatória e sem um planejamento ou roteiro. Com essa falta de relação entre conteúdos estudados e conteúdos vividos, além das metodologias ultrapassadas e da falta de atratividade nas aulas, a sala de aula se torna um lugar “enfadonho” e “chato” aos olhos dos jovens.

Desse modo, a leitura, que é fundamental para o desenvolvimento da intelectualidade humana e está presente em todos os ambientes da sociedade, é uma ferramenta muito utilizada como um recurso auxiliador para o professor de qualquer disciplina, no processo de ensino-aprendizagem, aproximando os alunos e tornando as aulas mais dinâmicas.

Nos referimos a uma leitura reflexiva e crítica, onde o leitor é levado questionar o que se aprende, e não apenas a memorizar para a “avaliação de conhecimentos”, conforme Lima (2014). Sugerimos aqui uma proposta de aula interdisciplinar, onde o seu papel seja relacionar a literatura com os conteúdos geográficos e filosóficos estudados em sala de aula, como também com a realidade fora dos muros escolares.

Muitas vezes, a busca por uma metodologia que prenda a atenção dos alunos é um desafio para professores do Ensino Médio, público e/ou privado. Assim, conforme Paula e Silva (2012, p.1) "o licenciando precisa se envolver nas pesquisas de diferentes ferramentas e metodologias para tornar o ensino [...] mais atraente e útil no exercício da prática docente".

O cordel, literatura que se irradiou pelo nordeste brasileiro, fazendo hoje parte de nossa cultura popular, como também sendo um dos símbolos de nossa identidade cultural



nacional, adentrou primeiramente o território brasileiro pelo estado da Bahia, para, posteriormente, propagar-se pelos demais territórios. Conforme a Academia Brasileira de Cordel³ esta expressão cultural é:

Oriunda de Portugal, [...] chegou no balaio e no coração dos nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador. Dali se irradiou para os demais estados do Nordeste. A pergunta que mais inquieta e intriga os nossos pesquisadores é “Por que exatamente no nordeste?”. A resposta não está distante do raciocínio livre nem dos domínios da razão. Como é sabido, a primeira capital da nação foi Salvador, ponto de convergência natural de todas as culturas, permanecendo assim até 1763, quando foi transferida para o Rio de Janeiro.

Símbolo da cultura popular brasileira, popularmente difundida no nordeste do Brasil, o Cordel é uma leitura leve e descontraída que agrada públicos de todas as idades.

Dessa forma, o cordel pode ser usado como uma ferramenta didática lúdica e atraente no ensino interdisciplinar de Filosofia e Geografia. Esta forma inusitada de se trabalhar a literatura cordelista na sala de aula é intitulada pelo Cordelista Manoel Monteiro como: "O novo Cordel". Trazemos neste trabalho uma proposta de aula utilizando-se do livro "O Pequeno Príncipe em Cordel", de Josué Limeira, como recurso didático em uma aula interdisciplinar, apresentando conceitos filosóficos e geográficos.

O PROJETO MAIS LEITURA

O ser humano está sempre se comunicando, nas mais diversas formas de linguagem. Os textos literários são apenas uma forma de externar a mensagem que o autor quer passar para seus leitores. Propomos aqui uma aula utilizando-se da literatura como recurso didático para o ensino-aprendizagem interdisciplinar da Geografia e Filosofia.

A leitura, que é fundamental para o desenvolvimento da intelectualidade humana e está presente em todos os ambientes da sociedade, pode ser um recurso auxiliador para o professor no processo de ensino-aprendizagem, aproximando os alunos de sua vivência cotidiana e tornando as aulas mais dinâmicas.

³ Site Academia Brasileira de Cordel. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/o-cordel/historia-do-cordel/>. Acesso: 31/08/2020 às 17:31.



Essa leitura a que nos referimos, que fique claro, não é aquela leitura exagerada e sem nenhuma forma de reflexão por parte dos alunos, nem tão pouco tratamos daquela leitura em que a única finalidade é responder um questionário, com o intuito de “decorar” para a “avaliação de conhecimentos” feita por muitos professores. Sugerimos aqui uma leitura reflexiva, onde o seu conteúdo sirva para relacionar a literatura com os conteúdos filosóficos e geográficos (ou de qualquer outra disciplina) estudados em sala de aula e com a realidade fora dos muros escolares.

Para tanto, há a necessidade de planejamento prévio, o professor precisa fazer um levantamento de quais obras pretende trabalhar e como disponibilizar aos seus alunos. Aula sem planejamento, conforme Lima (2011), é transformar qualquer metodologia em um fiasco. Não há como fugir de imprevistos e adversidades, mas sem planejar, é quer ensinar às cegas.

Munido de uma lista com as obras que a biblioteca escolar possui ou os arquivos em pdf, caso seja e-book, o professor deve elaborar um roteiro ou questionário para o alunado, de forma a orientá-los sobre o que buscar. Uma ficha de leitura, contendo pontos a serem observados, é relevante para que o discente não se perca na finalidade traçada. Exponha seus objetivos antes de disponibilizar o livro, para que o aluno não pense que é apenas um entretenimento. Já imaginou que delícia estudar Geografia e Filosofia por meio daquele romance que você tanto gosta? São vários os gêneros, para todos os gostos - aventura, romance, drama, policial, suspense, terror - e os alunos terão a liberdade de escolher naquela listagem aquilo que mais lhe for atrativo, sem aquela “leitura obrigatória” que tanto enfada.

O professor pode traçar questões gerais, que se moldem para todos os livros: onde se passa a história? Como é a cultura em que os personagens estão inseridos? Você consegue apontar em um mapa algum lugar mencionado pelo autor? Quais questões filosóficas podem ser citadas? Os conceitos estudados em sala podem ser relacionados à história do livro? Tomemos como exemplo o livro Dom Quixote, de Miguel de Cervantes. O aluno pode inferir que a história se passa na Espanha, mas quais outras características geográficas e filosóficas podem ser levantadas? Quais características a cultura espanhola tem semelhantes ou diferentes da brasileira? O fato da personagem ser levada à loucura por tanto ler faz com que se tenha outros discursos sobre a realidade?



Propomos que professores não apenas de Português e/ou Literatura se apropriem da leitura de livros paradidáticos em suas aulas, mas que outras disciplinas, isoladas ou interdisciplinarmente, possam se beneficiar de clássicos literários nacionais e estrangeiros em suas aulas, fortalecendo o elo entre aluno-professor e trazendo o hábito de “ler” para mais próximo do discente.

Trata-se de um estímulo ao desenvolvimento de uma aula socioconstrutivista, onde o educador deixa de ser o detentor do saber e os alunos apenas a absorvam e memorizem, e passamos para o papel de um educador mediador de conhecimentos, incentivador de debates e reflexões, no qual o conhecimento é construído e o aluno protagoniza a aprendizagem, levantando questões e críticas, tornando-se atuante socialmente.

O PEQUENO PRÍNCIPE EM CORDEL: Proposta de aula interdisciplinar

O livro "O Pequeno Príncipe em Cordel", de Josué Limeira, é uma adaptação do clássico francês "O pequeno príncipe", de Antoine de Saint-Exupéry. Estruturalmente, tem estrofes compostas por seis sílabas (sextilhas), é dividido em 27 capítulos e contém ilustrações em xilogravuras coloridas.

O primeiro capítulo, intitulado "O desenhista", conta a história do protagonista que, aos 6 anos, viu em um livro uma jiboia engolindo um bicho. Ao tentar fazer a representação e mostrar para os outros, foi mal interpretado. Em vez de um elefante engolido por uma cobra, os adultos viram um chapéu.

Temos aqui uma ferramenta ótima para o professor de filosofia, que pode abordar ideias de Aristóteles, filósofo grego. É notório aqui que há dois tipos de interpretação da mesma obra, isso se dá a partir da vivência que cada indivíduo traz consigo.

Assim, corroborando com as ideias de Aristóteles, Lobo (2020), em matéria para site Brasil Escola, afirma "a tese formulada por Aristóteles permite essa diferença [de que as ideias são atemporais], pois [...] não são assimiladas por todas as pessoas na mesma fonte, pois a fonte é a experiência e nem todos têm as mesmas experiências".

A partir desta perspectiva, o professor pode levantar os seguintes questionamentos: Você consegue se expressar de forma que o outro te compreenda?



Houve alguma vez que você foi mal interpretado? Como podemos tornar a comunicação mais clara? A vida de cada um influencia na compreensão ou interpretação de fatos e informações? Essas e outras questões podem ser lançadas pelo professor para que se inicie um debate a respeito do conceito filosófico estudado e os alunos apontem suas dúvidas e inquietações. O protagonista, frustrado por não ter tido seu desenho compreendido, deixa de desenhar e torna-se piloto, vai viajar pelo mundo.

Ao professor de Geografia cabe verificar não apenas a regionalização nordestina da literatura cordelista, os traços culturais, mas, ainda neste mesmo capítulo abordado, temos pontos a serem tratados em aula, como o bioma Caatinga, os animais presentes ou não nesta fauna, os países e culturas que o protagonista viajou, etc. O elefante é um animal típico de que país? Temos jiboia no Brasil? Quais traços são característicos da cultura nordestina? Como surgiu o cordel? Através da incitação aos questionamentos, o aluno é levado a pensamento crítico.

O livro aqui abordado chega como uma ferramenta lúdica para o Ensino Médio, relevante ao desenvolvimento estudantil, como aponta Negrine (2001). Não propomos uma receita pronta para a melhoria educacional, mas um recurso que venha agregar à prática docente, conforme Lima, Silva e Melo (2020). O conhecimento não deve ser entregue pronto, segundo Lima (2011), o docente deve estimular seu alunado, levantando debates e associando a fatos do cotidiano, de forma que este (o aluno) se torne um ser protagonista de forma crítica.

O Pequeno Príncipe em Cordel torna-se, portanto, não apenas uma leitura de passatempo e/ou de lazer, mas um recurso didático relevante na prática educacional e na formação de cidadãos participativos socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreendemos, pois, que não basta lançar conceitos e conteúdos científicos prontos para os alunos, estes devem ser levados a questionar sobre o que se aprende e buscar relacionar conhecimento e vivência.

Dessa forma, trazemos uma proposta de aula utilizando-se da literatura de cordel, O Pequeno Príncipe em Cordel, fonte não apenas de entretenimento, mas de



aprendizagem ativa, onde o aluno deixa de ser mero espectador e passa a protagonizar sua própria aprendizagem de forma lúdica.

A literatura não precisa ser exclusiva das aulas de Português. Trazemos uma proposta de aula interdisciplinar, aproximando o mundo literário das aulas de Geografia e Filosofia, como forma de estímulo a esse hábito tão importante ao ser humano e, principalmente, ao desenvolvimento do pensamento crítico.

Sugerimos aqui uma leitura reflexiva, onde o seu conteúdo sirva para relacionar a literatura “O Pequeno Príncipe em Cordel”, com os conteúdos filosóficos e geográficos estudados em sala de aula e com a realidade fora dos muros escolares.

Portanto, a literatura torna-se mais um recurso didático a serviço da Educação, e seu incentivo, igualmente, deve ser algo sugerido pelos educadores, como forma de estímulo a esse hábito tão importante ao ser humano e, principalmente, ao desenvolvimento do pensamento crítico. Portanto, a literatura torna-se mais um recurso didático a serviço da Educação na formação de cidadãos aptos a atuar na sociedade de forma consciente e plena.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani A (org). **A Geografia na sala de aula**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

DOTTRENS, Robert. **A crise da educação e seus remédios**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

LIMA, J.P.; SILVA, L. G.; MELO, J. A. B. Ponderações sobre o Desenho Animado Loucademia de Polícia no Ensino de Geografia do Medo com relato de um Policial Militar. In: MONTEIRO; LOBO; XAVIER; NASCIMENTO. **As tecnologias digitais na construção do conhecimento de uma geração hiperconectada**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020

LIMA, Joélica Pereira de. **O desenho animado como recurso didático: uma intervenção no ensino médio**. Monografia de Especialização em Fundamentos da Educação. UEPB, Campina Grande-PB, 2014.



_____. **A construção do pensamento geográfico através dos Desenhos Animados: Uma experiência utilizando o Pica-Pau como Recurso Didático.** Monografia de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB, Campina Grande-PB, 2011.

LOBO, Frederico LaFraia. Platão e Aristóteles. Site Brasil Escola. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/administracao-financas/platao-aristoteles.htm>. Acesso: 31/08/2020 às 17:51.

NEGRINE, Airton. Ludicidade como Ciência. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (org). **A ludicidade como ciência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org). **Para onde vai o ensino de Geografia?.** 9 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PAULA, J.C.; SILVA, L. G. XVI ENEQ 20. Disponível: <https://portalseer.ufba.br/index.php/anaiseneq2012/article/view/7916>.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib & OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa.** São Paulo: Contexto, 2002.